

00101110 00111111

00101110 00111111 – Alexandre Carvalho Rios Magalhães

Biografia do autor: Alexandre Magalhães é cristão, músico, escritor e, nas horas vagas, estudante de Letras-Inglês na UFRJ. Muitas de suas inspirações literárias vêm de suas horas de videogame na infância, das muitas narrativas literárias ao seu redor e, principalmente, das pessoas (loucas e interessantíssimas) com quem convive. Membro ativo da Oficina Literária Ato Zero no Colégio Pedro II por três anos, através da qual publicou um conto em um livro junto a outros participantes. Aparentemente, não é muito capacitado para fazer uma biografia de si mesmo em terceira pessoa.

Resumo do texto: Um cometa se aproxima da Terra e todo o planeta parece ser afetado de uma forma tremenda e estranha. E talvez o que Julienne entenda não seja nem uma fração do que realmente está acontecendo.

Julienne levantou, pegou o jarro de flores e lançou pela janela do arranha-céu. E as flores se espalharam com o poder do vento.

01010010 01000101 01001001 01001110 01001001 01000011 01001001 01000001
01001110 01000100 01001111 00100000 01010011 01001001 01010011 01010100 01000101
01001101 01000001

Uma estrela brilha no céu. Não, não é uma estrela e Julienne sabe disso. é um cometa. e não brilha, está dilacerando o céu. em direção à Terra. ela pega seu diário e escreve:

Rio de Janeiro, alguns dias pro fim do mundo...

Hoje acordei com esperança, mas olhando pela janela do quarto, logo vi que era inútil, e, mais uma vez, chorei. Queria que aquele filme "Armageddon" fosse verdade.

Não consegui me comunicar com Fábio, Rodrigo, Lúcia, Anderson... E nem com minhas filhas... Não tem jeito, acho que meus erros vão me perseguir até o dia em que aquela Estrela da Morte alcance o mundo e aí não vai importar mais nada.

Uma estrela arranha o céu.

É tão estranho que

ela para. pela janela, observa o alto mais uma vez... muitas vezes já estudara sobre o poder delas, estrelas magníficas. Nascem nas poeiras do universo em famílias distantes, fundem os elementos em seu âmago, transformam tudo. mudam tudo. e explodem em supernovas inimagináveis. Lançam aquilo gerado no seu mais profundo interior em direção ao universo profundo. Ou então, se transformam em buracos negros e acabam morrendo sobre si mesmas e destruindo e desfigurando todo universo em volta. O próprio tempo e a matéria são transformados pela sua simples existência.

E aquela estrela decidiu cair ali, no seu mundo. e mudou tudo de uma maneira que uma estrela jamais poderia compreender.

"Iluminou até mesmo minha própria destruição".

Volta os olhos pro diário. Porém, antes de voltar a escrever, ouve uma batida em sua janela. Um som surdo. E um homem flutua do lado de fora, acena pra ela. Ele tem uma barba longa e um sobretudo pesado e colorido. Julienne dá de ombros, fecha o diário, abre a janela e dá a mão pro homem, que a puxa e a ergue nas alturas na velocidade do vento.

Na China, há uma imponente torre de vidro. No último andar dela, há um homem que veste um terno de muitos dólares. Observa com tristeza a estrela que brilha competindo com o Sol. suspira. olha para a rica mobília e quase chora. o porta-retratos com a foto de sua mãe sorri pra ele, um sorriso de muitos anos de saudade. suspira de novo. desliga o computador, apaga as luzes e desce as escadas de seu escritório. pega o elevador para o térreo. caminha pelos bastidores e abre a porta

do outro lado, em frente ao palanque, repórteres, empresários e curiosos de todo o tipo aguardam o seu último pronunciamento em uma algazarra monstruosa.

- Boa tarde, senhoras e senhores. Serei breve, porém sincero. Gostaria de anunciar que estou, oficialmente, doando todos os bens da empresa para instituições humanitárias do interior. Dessa forma, estão também demitidos todos os funcionários, tendo, cada, uma indenização de dez vezes o valor de seus salários. Toda a papelada já está devidamente acertada... Foram muitos anos de disputas e jogos infundáveis até chegarmos ao auge de nossa produção. Mas, com essas palavras declaro, definitivamente, o fim das Indústrias Cashier.

Uma represa de vozes contida por muito tempo irrompe na plateia, atônita, mas não exatamente surpresa. O homem desce do palanque e vai andando em direção à porta da frente do seu prédio, que ele nunca – nunca – em sua vida tinha visto. No caminho, apenas dois dos seus oito seguranças seguram a multidão de perguntas, os outros estão indecisos se é pra continuar em seu trabalho ou deixar seu mais novo antigo chefe em paz, enfim.

Julienne vê das nuvens essa cena e o barbudo de sobretudo diz a ela:

- É sempre assim, Julienne. Não há poder em torres de vidro. Elas sempre sucumbem.

Julienne olha com assombro para a torre. “Ela balança”. É alçada para longe dali.

O coronel, carregando suas medalhas de metal no bolso, passou a noite inteira perambulando no arsenal do quartel. Verificou cada centímetro, cada arma e explosivo, dezenas de vezes. Inquieto e completamente perdido. Gavetas de metal foram tiradas do lugar, cartuchos inspecionados. Não havia ferrugem em nada, corrosão, defeito, no equipamento tecnológico e de alto poder destrutivo. É... Ali estava toda a sua vida, seu trabalho. agora, não faz nenhum sentido. Está sentado em uma cadeira enferrujada de metal, perdido. completamente perdido. E gostaria de estar cercado de amigos jogando uma sueca, como nos velhos tempos. mas os velhos tempos e os velhos amigos ficaram para trás... ficaram para trás muito antes dos novos tempos. ficaram para trás...

Só sobrou o metal. O metal em seus dedos, em seu corpo, em seus dentes, em seus bolsos, em seu passado e em seus documentos. O metal nunca ficava para trás. O metal é indestrutível.

Ele, então, tenta, mais uma vez, engatilhar uma pistola e disparar. ela falha. Faz o mesmo com um fuzil. que também falha. a noite inteira testou cada um dos equipamentos do arsenal, e todos estavam perfeitos, apesar de inúteis. todos falhavam.

Sem nenhuma esperança, resolve deixar pra lá. O mundo vai acabar de toda forma. “Nenhuma batalha vai eclodir nos próximos dias e, se eclodir, não ligo. Não vai fazer a mínima diferença”. Recosta-se na cadeira de metal, que se parte, e cai de bunda no chão.

- No início eu achei ela bem bonita – diz Julienne ao homem barbudo e de sobretudo colorido em um bar na Escócia – Eu ainda tava na fase da ingenuidade sobre a estrela. Acho que todo mundo tava nessa fase. Ela brilhava no céu à noite, a semanas-luz daqui. Era tão linda...

eu observava ela pelo telescópio do centro de pesquisa da faculdade. Foi quando recebi um periódico eletrônico de astronomia por e-mail, eu era assinante. Abri o e-mail, empolgada, mas bem na capa já vinha a pior notícia que eu poderia esperar. A maravilha virou um pesadelo. Fui a primeira do meu grupo de pesquisa e, talvez, de todos os professores da universidade a saber da notícia e não tive maturidade para contar a ninguém. Não tive sangue frio. Só me demiti. Larguei tudo. Em meio a protestos e ameaças, fui embora sem olhar pra trás. Tentei consertar algumas burradas... E agora, vendo as consequências no mundo todo... – ela encara o noticiário na TV – Queria poder viajar no tempo. – ela ri e se diverte – Pra viver a vida sabendo de seu prazo de validade.

Um homem entra pela porta do bar. Tem a barba por fazer e sua farda está surrada. Com uma das mãos segura a base da coluna, visivelmente com dor. Com a outra traz algumas notas amassadas. Chega perto do barman e diz:

- O que essa porcaria ainda pode comprar pra um velho desnorteado, meu jovem?

O barman vira e, alegre, ensaia uma continência, dizendo:

- Coronel! Foi preciso o fim do mundo pra voltarmos a nos encontrar. Com isso aí o senhor ainda compra a nossa melhor bebida. Não tem por que reservar o melhor pro final se o final é agora.

O coronel estreita os olhos por alguns segundos. Por fim, diz:

- Ah, sim! Sean... eu me lembro de você. E, como você insinua, só mesmo o fim do mundo pra fazer um homem como eu cair de seu pedestal. Espero que você ainda possa perdoar um velho ranzinza por aquele incidente em 2007... Aquilo fez você e os outros meninos irlandeses sumirem da nossa vista antes mesmo de estarem dentro... Quanta imbecilidade.

Um copo se enche em frente ao coronel.

- Já superei aquilo há muito tempo, senhor. E agora, com tudo que tá acontecendo, eu e você somos iguais.

- Sempre fomos, Sean. Sempre fomos.

Os dois olham para o noticiário ao mesmo tempo e, ao fundo, o cometa brilha com imagens de satélite. Um dos dois âncoras está fazendo uma série de piadas que faz todos no estúdio rirem (e também uma grande parte dos telespectadores). Além disso, alguns segundos antes, o outro tinha recitado alguns poemas para, como ele próprio dissera, “acalmar os corações aflitos”. Ninguém sabia, mas tinham decidido não falar sobre o súbito fim da maior empresa dos últimos anos, que ocorrera na China poucas horas antes. Não falar sobre a crise política e econômica que se alastrava pelo globo. Muito porque não consideravam uma crise, mas uma libertação. Pois não eram grandes colapsos, mas um simples ponto final. Um acordo feito por todas as partes, todos os lados, inimigos e aliados. Concordavam que certas coisas não faziam mais sentido existir. E, então, aqueles que brigavam e se opunham com unhas e dentes pararam de brigar. Os âncoras aconselham, por fim, que os internautas passem o máximo de tempo possível nos próximos dias com as pessoas amadas.

Era noite e, em uma varanda escura, um casal tentava educar seu filho respondão. Eles batiam, humilhavam e gritavam com a criança. O garoto parecia não compreender as repreensões, apenas sentia a dor, em seu coração, de ser agredido pelas duas pessoas que representavam maior alento em sua vida. Seus padrões e baluartes.

Porém, nas trevas da noite, a estrela brilhante arranhando o céu, lançou luz sobre aquela varanda. E em sua pálida luminescência azul, era possível enxergar três figuras abraçadas. o pai derretendo em lágrimas, a mãe arrependida. os chinelos ficaram, nessa hora, apenas nos pés. os xingamentos abafados no pensamento. o cinto pendurado no armário. E o quarto, naquela noite, não tinha uma criança solitária dormindo, mas o calor de uma família.

Julienne e o homem de sobretudo voam pelo Reino Unido. Dão uma volta e atravessam para Portugal, passando pela Holanda, Bélgica, Luxemburgo, Espanha. Sobem, velozmente, em direção à África. Cortam o continente, Argélia, Níger, Nigéria... Correm em direção ao pacífico e são mais rápidos que a própria Terra girando. No caminho ela vê fogos de artifício multicoloridos, música e comida. Vê dança e pessoas girando. Vê casas, muitas casas. Vê namorados. Vê amantes. Vê um casal de velhinhos pulando de paraquedas de um avião, abraçados. Vê uma chuva de granizos sobre um arco-íris. E em cada lugar que param, vê o homem barbudo e de sobretudo descendo e colhendo flores. E vê o Sol nascer e se pôr muitas vezes. Ela pensa que, se continuassem voando daquele jeito, ainda seria possível ver muitos dias se passando antes que a estrela os alcançassem.

9

E ela é um olho no céu que observa os dois por onde vão.

Há um show de rock organizado e realizado por bandas locais ocorrendo no meio da rua. Uma multidão se aglomera em frente ao arranha-céu que Julienne e o homem barbudo de sobretudo sobem. No caminho, Julienne vê uma família feliz numa varanda aproveitando a música. Um pai. Uma mãe. Um filho. Eles se divertem.

No último andar do edifício, há uma sala. Nessa sala, há apenas uma mesa de metal, um jarro enorme e janelas, muitas. O homem barbudo e de sobretudo coloca todas as flores que colheu dentro do vaso e aquele buquê chega a ser mais belo que o brilho soturno do cometa que se aproxima.

- Sempre rejeitam... Sabe, Julienne, é sempre assim. Perdidos numa confusão intelectual, ideológica, política. Doutores são mais bem requisitados que vendedores de sorvete.

Julienne levantou, pegou o jarro de flores e lançou pela janela do arranha-céu. E as flores se espalharam com o poder do vento.

01110001 01110101 01100001 01101110 01110100 01100001 01110011 00100000
01110110 01100101 01111010 01100101 01110011 00100000 01110110 01101111 01110101
00100000 01110100 01100101 01110010 00100000 01110001 01110101 01100101 00100000
01110010 01100101 01110000 01100101 01110100 01101001 01110010 00111111